ISSN: 2358-8829

A CONTEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO E DE CIÊNCIAS COMO ESTRATÉGIA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Maria Lidiane da Silva Souza [1]

INTRODUÇÃO

O ensino de Ciências da Natureza, especialmente o de Química, enfrenta um certo problema em tornar os conceitos científicos compreensíveis e relevantes para os estudantes que, muitas vezes, encontram dificuldades para relacionar o conteúdo escolar às situações vivenciadas fora da sala de aula. A situação pode apresentar um maior desafio quando o processo de ensino limita-se à apresentação de definições e à resolução mecânica de exercícios. Quando o aluno se depara apenas com fórmulas, nomenclaturas complexas e estruturas abstratas, ele tende a utiliza-se do mecanismo de memorização apenas com o intuído de conseguir um bom êxito em suas avaliações ao invés de aprender o que está sendo abordado dentro pelo professor, com isso há o risco de reduzir a participação dos estudantes e de dificultar a construção de significados para o que está sendo estudado.

Visto que, “A química é uma ciência voltada às transformações geradoras de novos materiais. É sabido, contudo, que a maior parte dos alunos veem a disciplina como de difícil compreensão.” (QUARESMA; CARNEIRO; CARNEIRO, 2021, P.02). Nesse cenário, a contextualização constitui uma possibilidade pedagógica para aproximar o conhecimento científico das experiências sociais, culturais e materiais dos alunos. “A associação de conceitos químicos com a vida e com o cotidiano é o que os profissionais e, principalmente, os professores de química devem buscar como estratégias de abordagem de ensino.” (QUARESMA; CARNEIRO; CARNEIRO, 2021, P.02).

Situações relativas à alimentação, à qualidade da água, ao uso de produtos de limpeza, à conservação dos alimentos, à saúde, à energia e aos materiais presentes nas residências, podem funcionar como pontos de partida para a problematização de conceitos científicos. Vincular os conteúdos de Química a temas do dia a dia é indispensável para estimular o engajamento dos estudantes e otimizar o processo de aprendizagem. Afinal, quando o corpo

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federa de Campina Grande - UFCG, lidianesilvasouza862@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

discente é incapaz de associar a teoria científica com suas experiências práticas e rotineiras, tende a enxergar a disciplina como algo complexo e de difícil compreensão (QUARESMA; CARNEIRO; CARNEIRO, 2021).

A contextualização, entretanto, não deve ser entendida como a simples inserção de curiosidades ou exemplos cotidianos antes de uma explicação teórica. Para que assuma um papel formativo, é necessário que o contexto seja explorado de modo a permitir que o estudante investigue fenômenos, formule perguntas, compare explicações e mobilize conceitos para interpretar a realidade.

O ensino de Química enfrenta entraves significativos relacionados à assimilação de tópicos de elevado nível de abstração, a exemplo de ligações químicas, estrutura e reações moleculares e transformações da matéria. Tais conteúdos demandam habilidades de representação e abstração que, frequentemente, não são contempladas de forma satisfatória por metodologias estritamente expositivas e centradas na figura do docente (MOREIRA *et al*., 2026).

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma reflexão de abordagem qualitativa, de caráter exploratório e fundamentação bibliográfica. O percurso metodológico consiste na leitura interpretativa e na articulação de publicações que discutem o cotidiano, a contextualização e as possibilidades didáticas no ensino de Ciências e de Química. Essa opção é compatível com o recorte apresentado no resumo original, que enfatiza a discussão teórica e não descreve aplicação de questionários, entrevistas, observações em sala de aula ou outro procedimento de coleta de dados com participantes.

Como eixo de análise, foram considerados os trabalhos de Wartha, Silva e Bejarano (2013), sobre as relações entre cotidiano e contextualização no ensino de Química; Kato e Kawasaki (2011), sobre diferentes concepções de contextualização no ensino de Ciências; Silva e Peixoto (2025), que apresentam a produção de histórias em quadrinhos como recurso para contextualizar a Química; e Berto (2025), que examina, por meio de revisão de literatura, a influência da Química do cotidiano na aprendizagem. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) foi incorporada como documento de referência para discutir a relação entre conhecimentos científicos, realidade social e formação dos estudantes.

A análise foi organizada por aproximação temática, procurando identificar convergências e cuidados recorrentes na literatura: a contextualização como atribuição de

ISSN: 2358-8829

sentido ao conteúdo; a valorização dos conhecimentos prévios e das experiências dos estudantes; as possibilidades de participação e investigação; e a necessidade de mediação docente para superar atividades meramente ilustrativas. Não se trata de uma revisão sistemática, pois não houve protocolo de busca exaustivo, contagem de publicações recuperadas ou aplicação de critérios formais de inclusão e exclusão. Do mesmo modo, as discussões apresentadas não devem ser interpretadas como resultados de uma intervenção empírica em determinada escola. Constituem uma síntese analítica de natureza bibliográfica, cujo alcance é refletir sobre possibilidades pedagógicas e indicar caminhos para estudos futuros.

REFERENCIAL TEÓRICO

Contextualização para além da exemplificação

De acordo com Silva E Costa (2022, p.02) "a contextualização é uma ferramenta interessante no ensino, pois busca proporcionar uma aprendizagem com sentido e significado, o que implica uma prática comprometida com o processo de ensino e aprendizagem." Dessa forma, a contextualização ocupa lugar importante nas discussões sobre o ensino de Ciências porque permite pensar o conhecimento escolar em relação com situações concretas e com os problemas que atravessam a vida dos estudantes. Ao desconsiderar as classes sociais e suas respectivas vivências na abordagem dos fenômenos, o processo pedagógico limita-se a uma simples demonstração de fatos, cujo único objetivo é conectar os saberes prévios dos estudantes aos novos conhecimentos pretendidos (WARTHA, SILVA E BEJARANO, 2013)

Wartha, Silva e Bejarano (2013) alertam para a utilização pouco problematizada dos termos "cotidiano" e "contextualização" no ensino de Química. A presença de um objeto familiar em uma aula não é suficiente para constituir uma abordagem contextualizada: é preciso estabelecer relações entre o fenômeno, os conceitos químicos e as condições nas quais ele ocorre. Assim, estudar a ferrugem em uma grade pode ir além de nomear o processo de oxidação; pode envolver a investigação das condições que aceleram a corrosão, a comparação de materiais e a discussão de maneiras de conservar objetos. Da mesma forma, trabalhar com rótulos de alimentos não precisa se limitar à leitura de ingredientes: pode permitir discutir composição, concentração, propriedades de substâncias e critérios para interpretar informações apresentadas ao consumidor.

ISSN: 2358-8829

Kato e Kawasaki (2011) também destacam a diversidade de concepções presentes em documentos curriculares e entre professores. Essa diversidade não precisa ser vista apenas como um problema, pois pode oferecer diferentes possibilidades de mediação didática, desde que suas finalidades sejam explicitadas. A questão central é planejar situações em que o conhecimento científico ajude a compreender o contexto, em vez de apenas aparecer como informação adicional. A contextualização, portanto, deve contribuir tanto para a aprendizagem conceitual quanto para uma leitura mais informada do mundo.

Cotidiano, conhecimentos prévios e aprendizagem significativa

As experiências vividas pelos alunos influenciam o modo como interpretam as explicações escolares (MOREIRA *et al.,* 2026). Antes de estudar formalmente uma transformação química, por exemplo, o estudante já observou alimentos cozinhando, metais enferrujando, velas queimando ou produtos de limpeza sendo utilizados em casa. Essas experiências podem servir como ponto de partida para a aprendizagem, (MOREIRA *et al.,*2026).

A aprendizagem significativa, na perspectiva de Ausubel (2003), envolve a relação entre novos conhecimentos e ideias relevantes já presentes na estrutura cognitiva do aprendiz. Sob esse entendimento, aproximar o conteúdo do repertório dos estudantes pode favorecer a atribuição de sentido ao que se aprende, desde que a atividade não se limite a repetir aquilo que eles já conhecem. A mediação docente deve criar condições para que ideias iniciais sejam examinadas, ampliadas ou revistas à luz de evidências e conceitos científicos. O cotidiano oferece, assim, uma porta de entrada para a construção do conhecimento, e não um substituto da sistematização conceitual.

A Base Nacional Comum Curricular propõe que a aprendizagem em Ciências da Natureza articule conhecimentos científicos à compreensão de fenômenos, à análise de problemas e à tomada de decisões em contextos da vida individual e coletiva (BRASIL, 2018). Essa orientação contribui para pensar atividades nas quais os alunos não sejam apenas receptores de informações, mas participantes de processos de investigação, argumentação e avaliação de explicações. Quando se discute a qualidade da água, por exemplo, conceitos sobre misturas, soluções, separação de materiais e propriedades da matéria podem ser mobilizados em conjunto com a leitura crítica de informações sobre abastecimento, tratamento e consumo consciente.

ISSN: 2358-8829

Possibilidades didáticas no ensino de Ciências e de Química

A contextualização pode ser realizada por meio de diferentes metodologias ativas, desde que a escolha do recurso esteja relacionada aos objetivos de aprendizagem. Essas metodologias visam engajar diretamente os estudantes em seu próprio processo educativo, desenvolvendo o pensamento crítico e reflexivo. Essas propostas exigem um ensino focado em competências que conecte o aluno à realidade prática, incentivando-o a analisar problemas e a propor soluções por meio de diversas práticas de trabalho (OLIVIERI; ZAMPIN, 2024).

O trabalho de Silva e Peixoto (2025), ao apresentar histórias em quadrinhos voltadas à contextualização da Química no Ensino Médio, demonstra uma possibilidade de articulação entre linguagem, narrativa e conhecimento científico. Recursos narrativos podem favorecer a aproximação inicial com uma temática, especialmente quando apresentam situações reconhecíveis pelos alunos. Para que contribuam efetivamente com a aprendizagem, porém, devem ser acompanhados de questões que exijam análise conceitual, interpretação e posicionamento fundamentado. A leitura de uma narrativa sobre produtos domésticos, por exemplo, pode ser seguida da investigação de rótulos, da comparação de propriedades e da discussão de cuidados de uso apoiados em informações confiáveis.

Berto (2025), em sua revisão de literatura, identificou estudos nos quais a contextualização associada a metodologias como práticas experimentais e jogos didáticos foi relacionada à participação dos estudantes e ao desenvolvimento do pensamento crítico. Essa contribuição sugere que o contexto pode tornar a atividade escolar mais investigativa quando os alunos têm algo a observar, comparar, decidir ou explicar. Ainda assim, os recursos devem ser adequados à faixa etária, ao tempo disponível, às condições materiais da escola e aos objetivos curriculares. Uma prática simples, bem planejada e conceitualmente consistente pode ser mais produtiva do que uma atividade sofisticada sem conexão clara com a aprendizagem pretendida.

As pesquisas em Ensino de Química têm adotado, de forma recorrente, a contextualização e a educação para a cidadania como eixos centrais em suas discussões práticas e teóricas (QUARESMA; CARNEIRO; CARNEIRO, 2021). Como estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), conectar a Química a situações do dia a dia — como a conservação de alimentos, o uso seguro de produtos de limpeza e o tratamento da água — quebra a visão tradicional e isolada da disciplina. Essas práticas mostram que a Química está em toda parte, comprovando sua presença real em processos domésticos, biológicos, industriais e ambientais que afetam diretamente o bem-estar social.

ISSN: 2358-8829

O papel do professor e os limites da contextualização

A valorização do cotidiano não elimina a necessidade de planejamento pedagógico, tampouco diminui a importância do conhecimento específico do docente. Conforme apontam Pereira e Menezes (2022, p. 105), “Com esse entendimento, é esperado que a Química possa ter esse papel para a formação dos estudantes, o que demanda uma responsabilidade do professor no planejamento de suas aulas”. Diante disso, como preconizam Wartha, Silva e Bejarano (2013), torna-se essencial selecionar contextos que viabilizem a abordagem dos conceitos pretendidos, prever dúvidas, organizar materiais e formular questionamentos capazes de promover a investigação. Ademais, deve-se considerar as diretrizes nacionais de equidade (Brasil, 2018), que alertam que os estudantes não compartilham das mesmas experiências, recursos familiares ou condições de acesso a bens e tecnologias. Portanto, a escolha das situações de aprendizagem precisa evitar a pressuposição de uma vivência única, priorizando contextos inclusivos que assegurem diferentes formas de participação.

Outro cuidado, conforme alertam Kato e Kawasaki (2011), consiste em não transformar o cotidiano em uma coleção de curiosidades desconectadas. Se a situação utilizada na abertura da aula não retornar durante a explicação, a atividade investigativa e a síntese final, o contexto acaba funcionando somente como elemento motivacional. Para evitar esse resultado, e em alinhamento com as propostas de Ensino por Investigação (Carvalho, 2013), o professor deve iniciar com uma questão problematizadora, solicitar hipóteses, introduzir conceitos e evidências necessárias à análise, orientar a comparação de explicações e finalizar com uma resposta argumentada à questão inicial. Esse encadeamento permite acompanhar como os conceitos científicos ajudam a reinterpretar a situação prática que deu origem ao estudo.

Como discutem Wartha, Silva e Bejarano (2013), a formação docente e as condições institucionais influenciam diretamente a efetivação de propostas contextualizadas, visto que essa abordagem demanda tempo para planejamento, escolha de recursos e avaliação da aprendizagem. Embora nem sempre as escolas disponham de laboratórios ou materiais específicos, os autores ressaltam que muitas atividades significativas podem ser desenvolvidas por meio de recursos acessíveis — tais como textos, embalagens, imagens, observações do ambiente e discussões orientadas. O essencial, portanto, é que a experiência cotidiana do estudante seja submetida a uma rigorosa análise científica, garantindo explicações

ISSN: 2358-8829

fundamentadas e oportunidades reais para que os discentes possam argumentar e revisar suas próprias ideias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura interpretativa das publicações consideradas neste trabalho permite organizar a discussão em quatro eixos: a atribuição de sentido aos conceitos científicos; a participação ativa dos estudantes; a necessidade de articulação entre contexto e sistematização conceitual; e a mediação pedagógica como condição para evitar abordagens superficiais. Esses eixos não correspondem a categorias extraídas de uma coleta de dados em sala de aula, mas a uma síntese temática da literatura mobilizada.

O primeiro eixo diz respeito à aproximação entre conhecimento escolar e experiência cotidiana. As discussões de Wartha, Silva e Bejarano (2013) indicam que a contextualização deve ser tratada com cuidado para não se reduzir ao uso de exemplos isolados. Kato e Kawasaki (2011), por sua vez, mostram que o próprio conceito de contextualização apresenta interpretações variadas, com consequências para o planejamento. Em conjunto, esses trabalhos sustentam que a conexão com o dia a dia ganha força pedagógica quando ajuda os alunos a construir relações explicativas entre o que observam e os conceitos que estudam. A aprendizagem deixa de consistir apenas em memorizar um termo e passa a envolver a compreensão de quando, como e por que determinado conhecimento é útil para explicar um fenômeno.

O segundo eixo se refere à participação dos estudantes. A utilização de narrativas, jogos, experiências investigativas ou problemas contextualizados pode criar oportunidades para que os alunos formulem perguntas, testem explicações, discutam resultados e tomem decisões. O trabalho de Silva e Peixoto (2025) exemplifica o potencial de recursos narrativos para estabelecer interlocução entre a Química e o contexto de vida dos estudantes. Alinhado a essa perspectiva, Souza (2025) destaca o uso de atividades experimentais como uma estratégia didática e metodológica capaz de engajar turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), transformando o discente de espectador passivo em cidadão crítico através da investigação de fenômenos do dia a dia. Berto (2025) também destaca, na literatura revisada, contribuições de práticas contextualizadas associadas a experimentos e jogos para o envolvimento e a construção do pensamento crítico. Essas contribuições devem ser interpretadas como indicativos de possibilidades didáticas, e não como garantia de que qualquer recurso produzirá

ISSN: 2358-8829

automaticamente os mesmos efeitos em todas as turmas (SILVA; PEIXOTO, 2025; SOUZA, 2025; BERTO, 2025).

O terceiro eixo é a necessidade de sistematização científica. Reconhecer uma situação familiar é apenas o início do percurso. Para que haja aprendizagem, é necessário que os estudantes tenham acesso a conceitos, modelos e evidências capazes de explicar o fenômeno estudado. Em uma sequência sobre a conservação de alimentos, por exemplo, a conversa sobre hábitos domésticos pode iniciar o tema, mas deve ser articulada à investigação de fatores como temperatura, umidade, composição e transformação da matéria, de acordo com o conteúdo curricular selecionado. A discussão não deve reforçar informações imprecisas apenas por parecerem familiares; deve desenvolver a capacidade de distinguir observações, hipóteses e explicações fundamentadas.

O quarto eixo envolve o papel do planejamento e da mediação docente. A contextualização eficaz pressupõe delimitar objetivos, selecionar questões investigáveis e elaborar atividades que conduzam do contexto aos conceitos e destes novamente à interpretação da situação. A avaliação também precisa considerar a qualidade das explicações, e não apenas a lembrança de definições. Perguntas que solicitem ao estudante justificar uma conclusão, comparar alternativas ou aplicar o conceito a uma situação nova podem revelar melhor como o conhecimento está sendo apropriado. Esse tipo de avaliação fortalece a dimensão crítica do ensino e oferece ao professor informações para reorganizar a abordagem.

Considerados em conjunto, os eixos apontam que a contextualização pode contribuir para tornar o ensino de Ciências mais significativo quando integra três dimensões: a realidade do estudante, o conhecimento científico e a reflexão crítica. Se uma delas estiver ausente, a atividade perde parte de seu potencial. O contexto sem aprofundamento conceitual pode virar curiosidade; o conteúdo sem relação com situações compreensíveis pode permanecer abstrato; e a atividade sem discussão crítica pode limitar-se à execução de uma tarefa. A construção do conhecimento depende, portanto, de uma relação planejada entre esses componentes.

Do ponto de vista didático, recomenda-se que o professor comece por uma situação social ou cotidiana relevante, explicite a questão que será investigada e identifique os conceitos necessários à análise. Durante o desenvolvimento, deve proporcionar aos alunos oportunidades para reunir informações, observar evidências e confrontar hipóteses. Ao final, é importante retomar a situação inicial, construir uma explicação cientificamente fundamentada e discutir os limites das conclusões. Esse percurso contribui para que os estudantes percebam a ciência como uma forma de interpretar a realidade, e não como um conjunto de respostas prontas.

ISSN: 2358-8829

É necessário reconhecer, contudo, que a análise apresentada tem limites. Por se tratar de um trabalho de natureza bibliográfica e reflexiva, não permite afirmar que uma intervenção específica tenha aumentado o desempenho, a motivação ou a participação em uma turma determinada. As contribuições discutidas apoiam a relevância potencial da contextualização, mas a verificação de seus efeitos em um contexto escolar concreto exige investigação empírica, com objetivos definidos, procedimentos transparentes e instrumentos adequados para analisar a aprendizagem. Essa distinção preserva o rigor das conclusões e indica a necessidade de pesquisas que examinem tanto os resultados quanto as condições práticas de implementação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões desenvolvidas neste trabalho, compreende-se que a contextualização constitui uma importante estratégia pedagógica para a construção do conhecimento científico no ensino de Ciências da Natureza, especialmente no ensino de Química. Ao estabelecer relações entre os conteúdos científicos e as situações presentes no cotidiano dos estudantes, essa abordagem oferece possibilidades para tornar os conceitos mais compreensíveis e relevantes, contribuindo para superar a visão da ciência como um conjunto de fórmulas, definições e informações isoladas da realidade.

A análise da literatura evidenciou que a contextualização não deve se limitar à utilização de exemplos cotidianos como forma de introduzir um conteúdo, mas precisa promover a investigação, a problematização e a reflexão crítica sobre os fenômenos estudados. Nesse sentido, situações relacionadas à alimentação, à qualidade da água, à conservação dos alimentos e ao uso de produtos de limpeza podem constituir oportunidades para que os estudantes mobilizem conhecimentos científicos, formulem hipóteses, analisem informações e desenvolvam explicações fundamentadas. Dessa maneira, o cotidiano passa a representar um ponto de partida para a aprendizagem, sem substituir a necessária sistematização dos conceitos científicos.

Destaca-se, ainda, a importância do professor na organização de práticas contextualizadas que articulem os conhecimentos prévios dos estudantes aos conteúdos curriculares. O planejamento pedagógico, a seleção de recursos didáticos adequados, a proposição de questões investigativas e a avaliação da capacidade de argumentação são elementos fundamentais para que essa abordagem alcance suas finalidades educativas. Além disso, é necessário considerar a diversidade de experiências sociais e culturais dos alunos, de

modo que as situações propostas sejam inclusivas e favoreçam diferentes formas de participação no processo de ensino e aprendizagem.

Outro aspecto relevante refere-se às possibilidades de utilização de diferentes recursos didáticos, como atividades experimentais, jogos, narrativas e situações-problema. Quando selecionadas de acordo com os objetivos de aprendizagem e acompanhadas de mediação docente adequada, essas estratégias podem favorecer o envolvimento dos estudantes e estimular o pensamento crítico. Entretanto, sua utilização, por si só, não garante a aprendizagem, sendo indispensável estabelecer relações consistentes entre as atividades desenvolvidas e os conhecimentos científicos que se pretende construir.

Por fim, reconhece-se que este estudo apresenta limitações decorrentes de seu caráter bibliográfico e reflexivo, uma vez que não envolveu a aplicação de uma intervenção pedagógica nem a coleta de dados diretamente com estudantes ou professores. Assim, as discussões realizadas permitem refletir sobre as potencialidades da contextualização, mas não possibilitam afirmar empiricamente seus efeitos em uma realidade escolar específica. Diante disso, recomenda-se a realização de pesquisas futuras que investiguem a aplicação de propostas contextualizadas em diferentes contextos educacionais, considerando aspectos como a participação dos estudantes, a compreensão conceitual e a capacidade de utilizar os conhecimentos científicos na interpretação de situações cotidianas.

Conclui-se, portanto, que a contextualização, quando planejada de maneira crítica, inclusiva e articulada à sistematização do conhecimento científico, pode contribuir para aproximar a ciência da realidade dos estudantes e favorecer um processo de aprendizagem mais significativo. Sua relevância está na possibilidade de desenvolver não apenas a compreensão dos conteúdos escolares, mas também a capacidade de interpretar fenômenos, avaliar informações e tomar decisões fundamentadas, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Palavras-chave: Ensino de química; Contextualização; Cotidiano; Aprendizagem significativa

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BERTO, Francisca Rodrigues. A química do cotidiano e sua influência na aprendizagem do ensino de química: revisão literária. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências e Matemática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Patos, Patos, 2025. Disponível em: ifpb.edu.br. Acesso em: 15 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: mec.gov.br. Acesso em: 15 out. 2026.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org.). Ensino de Ciências por Investigação: condições para o planejamento em sala de aula. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

KATO, Danilo Seithi; KAWASAKI, Clarice Sumi. As concepções de contextualização do ensino em documentos curriculares oficiais e de professores de ciências. Ciência & Educação, Bauru, v. 17, n. 1, p. 35-50, 2011. DOI: doi.org.

MOREIRA, A. S. et al. O ensino de conceitos abstratos de química por meio de estratégias de representação molecular. Revista Brasileira de Ensino de Química, v. 18, n. 1, p. 45-58, 2026.

OLIVIERI, R.; ZAMPIN, M. Metodologias ativas e o ensino por competências na educação contemporânea. Revista Docência Prática, v. 5, n. 2, p. 12-25, 2024.

PEREIRA, F. A.; MENEZES, J. S. A responsabilidade docente no planejamento de aulas de química contextualizadas. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências, v. 24, p. 101-115, 2022.

QUARESMA, M. S.; CARNEIRO, R. N.; CARNEIRO, S. M. A contextualização e o cotidiano no ensino de química: desafios e perspectivas nas escolas públicas. Revista Debates em Ensino de Química, v. 7, n. 1, p. 1-15, 2021.

SILVA, Maximiliano Oliveira da; PEIXOTO, Sandra Cadore. Química no cotidiano: produção de histórias em quadrinhos para contextualizar o ensino de química. Disciplinarum Scientia: Ciências Naturais e Tecnológicas, Santa Maria, v. 26, n. 3, p. 41-52, 2025. DOI: doi.org.

SILVA, R. C.; COSTA, M. G. A contextualização como ferramenta de sentido e significado no ensino de ciências. Revista Práticas Educativas, v. 10, n. 2, p. 1-12, 2022.

SOUZA, Leonildo Marinho de. A química no nosso cotidiano: nós conseguimos identificar os processos químicos ao nosso redor? 2025. 37 p. Monografia (Graduação em Ciências Naturais – Química) – Centro de Ciências de Grajaú, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú, MA, 2025.

WARTHA, Edson José; SILVA, Erivanildo Lopes da; BEJARANO, Nelson Rui Ribas. Cotidiano e contextualização no ensino de química. Química Nova na Escola, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 84-91, maio 2013. Disponível em: sbq.org.br. Acesso em: 20 out. 2026.